

GILBERTO FREYRE REVISITADO

Antônio de Pádua Franco Ramos

Apenas visitando Gilberto Freyre não se lhe conhece a obra: esta, como expressão da própria paisagem do seu "mundo interior", é vasta, múltipla, plural. Para abrangê-la, importa — como na imagem do poeta sobre Lisboa — revisitá-lo.

1. O HOMEM E O ESTILO

Entre os diferentes ângulos de observação a partir dos quais podemos contemplar o Sr. Gilberto Freyre — como por exemplo o Gilberto Freyre pintor — elegemos para nossa apreciação apenas dois: o Escritor, pois estamos diante de um Mestre da Língua; e, obviamente, o Pensador. Em verdade, o Sr. Gilberto Freyre é mais conhecido no Brasil, onde se lê pouco, como o Sociólogo, inadvertidos que estamos, quase todos, de que, a essa altura, já nos encontramos diante de um mais que cientista social: um filósofo.

Ora, acontece que o próprio escritor, enquanto escritor, é ele próprio menos conhecido do que deveria ser, aqui no Brasil, onde a atoarda audiovisual dos meios de comunicação vem roubando os mais jovens do silêncio das bibliotecas, que é de fato onde se aprende a comunicação escrita. Daí vir-se tornando para nós outros cada vez mais incompreensível a conversa entre adolescentes, tecida mais de gíria que de linguagem corrente, mais de interjei-

ções que de verbos, mais de expressões lacônicas que de estruturas providas de sujeito, verbo e complemento. Daí, portanto, certas expressões que, de tanto ouvi-las, até nós outros passamos a dizê-las: "jôia!"; "é isso aí!"; "ciao!"; "entrou bem!". (Curiosamente, "entrou bem" significa "entrou mal"...).

É uma pena, volto a dizer, que o Gilberto Freyre escritor seja menos analisado do que deveria, em terras brasileiras, porque — parafraseando Alceu Amoroso Lima sobre Clarice Lispector — *"ninguém escreve como ele. Ele não escreve como ninguém"*.

Assim, como ia dizendo, reuni algumas considerações sobre o Escritor, antes de trazer, como farei adiante, reflexões sobre o Pensador. Em primeiro lugar, note-se o característico que de logo salta á vista no estilo gilbertiano e que tem sido mencionado inclusive pelo próprio Gilberto Freyre: a sensualidade das palavras. O que não é de admirar em escritor que melhor compreendeu, amando-a, a civilização luso-tropical. Daí o vigor expressional da sua linguagem. Pois, como assinala Nélide Piñon:

*"Um país que tem árvores imensas
pode ter uma língua econômica?
Temos que aceitar a nossa língua
e para isso temos que conviver
com a nossa mitologia, abraçar a
voluptuosidade da nossa língua
com grande paixão".
(Entrevista ao "Jornal do Brasil" —
4.4. 1978).*

Mas, diga-se claramente, nem sempre é fácil ler Gilberto Freyre. Seus escritos têm uma anatomia, obedecem a uma construção gestáltica, formam estrutura. Sim; porque esse pintor que faz pintura mediante a instrumentação óbvia de tela, pincel e tinta, todavia realiza arquitetura através da linguagem. Suas vírgulas, seus ponto-e-vírgulas, seus pontos, sobretudo seus travessões separam massas arquitetônicas que se conjugam em harmonias de formas tridimensionais, exprimindo pela palavra o que, digamos, um Le Corbusier tropical expressaria por via do cimento e do aço. Filho de latinista, ele próprio com seu tanto de latinista, é de se imaginá-lo, criança, brincando de esconder sujeitos, de intercalar apostos, de rearrumar verbos, de recolocar predicados — hábito lúdico que ainda hoje conserva, agora como pedagogia, em geral, e como didática, em particular.

Apesar dessa pedagogia e dessa didática, foi dito paradoxalmente que nem sempre é fácil ler Gilberto Freyre, mas, esclareça-se: neste sentido — o mesmo de que, para ouvir música erudita, é preciso ter a pré-condição ao menos do costume de ouvi-la.

Iria longe a enumeração dos recursos de linguagem que só Gilberto usa e mais ninguém, o que seria um despropósito em simples saudação por parte de um tecnocrata que se aventura em campo de saber que não é o seu. Sem embargo, seja-nos permitido mencionar de passagem alguns desses recursos de linguagem que nos tem sido possível perceber, em anos de convivência com seus escritos, ora mais estreitamente, em nesgas de tempo, ora de raro em raro, mas sempre reencontrando o mesmo homem e o mesmo estilo, porquanto, segundo Buffon, um se confunde com o outro: "*o estilo é o homem*".

Citemos, inicialmente, um característico de Mestre Freyre: palavras habitualmente encontradas no singular ele as emprega no plural: "*saberes*" ("*Além do Apenas Moderno*", p. 71); "*futuros*" ("*O Brasileiro entre os Outros Hispanos*", subtítulo); "*presentes*" ("*O Brasileiro entre os outros Hispanos*", p. xxxix). Plurais inusitados através dos quais as palavras se fecundam.

Os títulos de seus livros são geralmente extremamente mais curtos que os subtítulos, estes valendo como indicação para o leitor sobre a substância a ser versada. Por exemplo: Título — "*O Brasileiro entre os Outros Hispanos*"; subtítulo — "*Afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações*". Título — "*Além do Apenas Moderno*"; subtítulo — "*Sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*". Título — "*Aventura e Rotina*"; subtítulo — "*Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*".

Por que?

Incorrerei no risco de uma interpretação.

Escrevendo sobre outrem é que, para o que vem ao caso, Gilberto Freyre sem querer põe a si próprio à mostra — sobre Euclides da Cunha: "*Euclides da Cunha, Revelador da Realidade Brasileira*" ("*Euclides da Cunha — OBRA COMPLETA*" — Aguilar — 1966). Naquele estudo Gilberto Freyre como que confessa sua aversão à retórica, ao tropicalismo condoreiro em literatura, em suma, ao adjetivo. Alternativamente — é só lê-lo — ele opta pela prevalência do substantivo, da linguagem documental, ainda que por ve-

zes irrecorrivelmente poética, enfim, pela preponderância da escrita que se apóie em especificações. Influência dos seus estudos, desde jovem, em ambientes anglo-americanos? Não sei. O que sei é que os subtítulos enriquecem os títulos pelo caminho do substantivo e não através de adereços e penduricalhos, a saber, do adjetivo.

Existem, na sua linguagem, certos complementos adverbiais que, uma vez lidos, transmitem ao leitor a sensação de que se trata de complementos indispensáveis, e de tal maneira indispensáveis que melhor seria talvez classificá-los como complementos terminativos. Tais recursos de linguagem suspendem o texto a elevado nível de beleza. Por exemplo, em "Aventura e Rotina", diz que o sol, no norte da Europa,

"é tão cortês com as pessoas e as coisas que às vezes parece efeminar-se em lua" (p. 13).

Ou então quando menciona, em "O Brasileiro entre os Outros Hispanos", os

"antropólogos alongados em poetas" (p. xlii).

Mestre Gilberto Freyre tem flagrante predileção pela conjugação do verbo no modo subjuntivo. Ora, o modo subjuntivo, como confirma o "Dicionário de Fatos Gramaticais" do Professor Joaquim Mattoso Câmara Júnior, é aquele *"destinado, desde o indo-europeu, a assinalar que o processo é apenas admitido em nosso espírito, e, portanto, passível de dúvida"* (. . .). De modo que a mencionada predileção não nos parece acidental, senão que revela o escrúpulo de quem lida com pressupostos nem sempre consensualmente pacíficos, como é o caso das premissas pertencentes ao mundo das ciências sociais. Os exemplos são abundantes em qualquer de seus livros e não será o caso de reproduzi-los aqui.

Um registro quase final, a respeito do Gilberto Freyre escritor, refere-se à sua autonomia em relação às regras gramaticais ortodoxas. Pelo menos a uma delas, a que diz que os conectivos subordinativos e os pronomes relativos atraem o pronome oblíquo. Essa liberdade do estilo gilbertiano é constante em todas as épocas e já em *"Casa Grande & Senzala"* encontramos a expressão *"dentro da qual formou-se"*, em vez de dentro da qual se formou. No ano de 1924, ele já protestava:

"Haverá povo que tenha mais que o brasileiro a obsessão da Gramática? Dúvido. A Ordem Gramatical nos inquieta muito mais que a Ordem Constitucional (. . .). E qualquer dia desses (. . .) veremos o problema da colocação dos pronomes discutido nas Câmaras com o maior ardor deste mundo". (Retalhos de jornais Velhos, p. 41).

Saúdo, pois, nesse estilista rebelde, antes de falar sobre o Pensador,

- o escritor brasileiro;
- o escritor luso-brasileiro;
- o escritor afro-luso-brasileiro;
- o escritor indo-afro-luso-brasileiro;
- o escritor.

2. O SOCIÓLOGO E AS TENSÕES INTER-REGIONAIS

É preciso dizer com todas as letras que não é possível conhecer o Brasil sem ler Gilberto Freyre. Foi ele quem nos ensinou, no dizer do Ministro Velloso, no seu "Brasil: A Solução Positiva" (p. 40), "que a 'vergonha nacional' da mestiçagem era, em verdade, motivo de orgulho e singularizava a aventura brasileira, no mundo".

O livro "Casa Grande & Senzala", acrescentamos nós, é o nosso maior trabalho de introspecção. Foi quando o Brasil mergulhou em si mesmo com maior profundidade.

Ora, acontece que ninguém está mais autorizado a interpretar o presente do que quem mais se tenha debruçado sobre o passado; ninguém mais autorizado a indagar sobre o futuro do que quem mais se tenha debruçado sobre o passado e mais interpretado o presente. Deste ponto de vista, Mestre Gilberto Freyre encontra-se entre aqueles credenciados perante a Ciência Social, em sentido lato, para opinar sobre o Brasil, sobre as nações hispânicas e — na sua maneira singular de exprimir-se — sobre seus "possíveis futuros"; como ainda, agora na qualidade de cientista social "alongado em filósofo" — também na sua maneira original de dizer as coisas —, sobre os "possíveis futuros" das sociedades humanas, diante do dilema, para ele cada vez mais inexistente, entre "capitalismo ianque" e "comunismo russo soviético" ("O Brasileiro entre os outros Hispanos", p. xxxix).

Tomemos, pois, algumas de suas contribuições recentes para o diagnóstico do presente brasileiro e para a prospecção do futuro humano.

Quanto ao primeiro aspecto, citemo-lo textualmente.

“As tensões inter-regionais no Brasil de hoje se sobrepõem não só às de “raça” — pouco intensas ou extensas no Brasil — como às de classes, como tensões sociais que prejudiquem o desenvolvimento harmônico, entre nós, de uma sociedade que, para ser plural, ao mesmo tempo que singular, não precisa de ser social e economicamente desconexa quanto ao conjunto de suas regiões ou uniforme quanto à sua política de desenvolvimento econômico, com várias regiões sacrificadas ao progresso material de uma só. Precisamos de considerar as tensões inter-regionais entre nós como problema econômico e problema social. Precisamos nos convencer de que devemos dar prioridade ao estudo científico-social dessas tensões para que sobre esse estudo se apoiem de modo mais firme decisões que tenham que ser tomadas por homem de ação política e de ação econômica”. (“Além do Apenas Moderno”, p. 73).

Que inspirações poderiam ser provocadas por tão lúcidas palavras? Cada um há de reagir a seu modo: estas idéias são como o raio de luz atravessando o prisma e sofrendo as refrações próprias do corpo que atravessa. De mim, confesso: o a que temos assistido é o centralismo econômico, em São Paulo, e o centralismo político, em Brasília, ao mesmo tempo em que, por isso mesmo, são abandonadas aquelas diretrizes de desenvolvimento das regiões periféricas. Como se o Brasil fosse constituído de pátrias diferentes dentro da mesma Pátria. Sob o império de forças centrípetas não neutralizadas por forças centrífugas. É certo que Mestre Gilberto Freyre falou do Brasil múltiplo: mas ele nunca mencionou a Pátria plural.

No campo político, o Planalto Central manifesta a tendência de ser cada vez mais planalto e cada vez mais central, segundo uma espécie de força de inércia transplantada da Física para o mundo das relações sociais, à revelia do controle dos homens, bem como dos interesses da integração e da própria segurança nacional.

Dentro desse quadro, e desde logo no tocante ao aspecto político, — que seria de esperar-se de São Paulo, o mais economicamente vigoroso Estado da Federação? Que exercitasse aquela vocação apontada há 24 anos atrás pelo Sr. Alceu Amoroso Lima, quando disse que, desde o século XVI,

“revelaram os paulistas um sentido de hombridade, de autonomia, de resistência ao centralismo metropolitano de Portugal” (. . .). (“A Missão de São Paulo” p. 19).

Quer dizer: seria de esperar-se que São Paulo se constituísse em fator de equilíbrio do Estado Federativo, ameaçado pelo Estado Unitário que um dia foi necessário, transitoriamente, para restaurar a organização nacional, porém que agora como que estaria inclinado a sufocar os Brasis que no Brasil existem, conforme a pluralidade indicada pela lição de Mestre Gilberto Freyre.

Todavia, para tanto se faz mister corrigir a própria distorção econômica que só aparentemente beneficia São Paulo, pois o que vemos é o avassalador gigantismo urbano da Capital bandeirante, onde a deterioração da qualidade da vida é uma tragédia. A missão de São Paulo, pois, no tocante ao aspecto econômico, seria a de colaborar para a criação de centros dinâmicos em todo o Brasil, o que aliás consulta o interesse da criação de mercados para ele próprio, como já vem acontecendo timidamente com o Rio Grande do Sul, com o Paraná, com Minas, com a Bahia, com Pernambuco. A revisão das normas referentes ao ICM, por exemplo, e, sobretudo, a restauração das diretrizes de desenvolvimento do Nordeste, sem dúvida alguma seriam medidas capazes de produzir aqui a retenção preventiva do fluxo migratório de trabalhadores em busca de empregos quiçá ainda ofertados em quantidade suficiente pela economia paulista.

Quando recuperarmos o equilíbrio perdido, voltaremos a ter expressão econômica — estamos defasados — e voz política — estamos afônicos — como convém aos superiores interesses da integração nacional. Pois não po-

demos ser solidários apenas com o passivo do Balanço da nossa economia, sofrendo uma inflação que — no dizer do Dr. José Flávio Costa Lima, Presidente da Federação das Indústrias do Ceará — “por dependentes, não provocamos, e, por economia reflexa que somos, importamos” (*Discurso de posse, 23.9.1977*). Pois tem sido acentuado que o Brasil não é feito apenas por alguns, porém que é realizado por todos nós.

3. O PENSADOR E OS PROBLEMAS UNIVERSAIS

Sobre o Gilberto Freyre pensador, cabe mencionar antes de mais nada que ele atingiu tamanho grau de maturidade, direi mesmo de sabedoria, que se põe — de cima do seu saber ou, à sua maneira, de “seus saberes” — contemplando equidistante as escaramuças cada vez mais falsas e inautênticas entre os dois grandes sistemas econômicos do mundo. Em suas próprias palavras:

“Do atual conflito entre o chamado capitalismo ianque e o chamado comunismo russo-soviético parece que nenhum dos dois sairá vencedor: as semelhanças entre os dois cada dia se acentuam mais, deixando os seus ideólogos a ver navios. O triunfo caberá à automação que está sendo desenvolvida tanto pelos russos-soviéticos como pelos americanos dos Estados Unidos. Ela é que criará condições tecnológicas para novos tipos de economia e de convivência humana, num tempo que será antes o ibérico que o anglo-saxônico — este, nos últimos anos, adotado pelos russos por motivos de competição econômica: a competição em que estão empenhados alguns dos seus líderes mais ortodoxos, com os Estados Unidos, no campo da produtividade”. (“O Brasileiro entre os Outros Hispanos”, p. xxxix).

Como se vê, o Sr. Gilberto Freyre não é mais, há já bastante tempo, o político militante, pois dele se pode dizer, como disse Murilo Mendes sobre Jorge de Lima: “o humano supera o político” (*Apud Luiz Santa Cruz — Jor-*

ge de Lima — Coleção “Nossos Clássicos” — p.102-Agir). Enganam-se, pois, os que pretendem julgá-lo através de seus pronunciamentos de natureza eventualmente ideológica, dos quais pronunciamentos, por vezes, é lícito discordarmos e realmente temos, por vezes, discordado. Mas o Sr. Gilberto Freyre não é ideólogo e a Ideologia não é o seu campo. O que ele é, quando não é cientista social, é filósofo: não se trata de acaso ser ele membro convidado da Academia de Filosofia de Filadélfia.

Propomos que o ideólogo esteja para o filósofo assim como o tecnólogo está para o cientista. E a Ideologia seria a tentativa, que cada ideólogo realizaria a seu modo, de decodificar Filosofias diante de uma geografia humana dada e conforme um tempo histórico definido. Homenageemos, portanto, no Mestre Gilberto Freyre o que nele é substantivo, sem nos perdermos na conjuntura daquilo que em cada homem é adverbial. Ele pertence à estirpe dos Huxley — Aldous Huxley e Julian Huxley — e dos Arnold Toynbee, cavalheiros com os quais conviveu e que com ele conviveram segundo intercâmbio mutuamente enriquecedor de inteligências privilegiadas. Se estacarmos diante dos momentos acidentalmente ideológicos do Sr. Gilberto Freyre, estaremos sacrificando a alternativa maior de aprendermos, com o Mestre dos nossos sociólogos e Mestre de todos nós, as nunca desnecessárias lições de Brasil e de Mundo.

Quando eu organizava minhas idéias para concluir estas apreciações, li o depoimento de respeitado cientista brasileiro. Por partir de quem partiu, o por ser, o depoimento, o depoimento que é, senti-me na obrigação de substituir as minhas pelas palavras desse Cientista — o Sr. Darcy Ribeiro. Diz ele (*Prólogo de “Casa Grande & Senzala” editado na Venezuela, cf. Jornal do Brasil, 8. out. 1977*):

“Casa Grande & Senzala nos ensinou muitas coisas que precisamos começar a enumerar. Ensinou-nos principalmente a nos reconciliarmos com a nossa ascendência lusitana e negra, de que todos nos envergonhávamos um pouco” (. . .).

“Creio que poderíamos prescindir — diz ele ainda — de qualquer de nossos ensaios e romances, mesmo que fosse o melhor que tivéssemos escrito. Mas não passaríamos sem Casa Grande & Senzala sem sermos diferentes. Em certa medida, Gilberto Freyre fundou o Brasil no plano cultural tal como Cervantes o fez com a Espanha, Camões com Portugal, Tolstoi com a Rússia, Sartre com a França” (. . .)

Ainda Darcy Ribeiro:

“Gilberto Freyre escreveu, sem dúvida, a obra mais importante da cultura brasileira. Efetivamente, Casa Grande & Senzala é o maior dos livros brasileiros e o mais brasileiro dos livros que já foram escritos” (. . .).

BIBLIOGRAFIA

- 1 – AMOROSO LIMA, Alceu. *A missão de São Paulo*. [s.n.t.]
- 2 – CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais*. [s.n.t.]
- 3 – FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Lisboa, Livros do Brasil, 1962.
- 4 – ————. *Aventura e rotina*. Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Lisboa, Livros do Brasil, 1962.
- 5 – ————. *O brasileiro entre os outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1975. 161 p. (Col. Documentos Brasileiros, 168).
- 6 – ————. Euclides da Cunha, revelador da realidade brasileira. In: CUNHA, Euclides da. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1966.
- 7 – ————. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 16 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973. 574 p.
- 8 – ————. *Retalhos de Jornais velhos*. 2 ed. rev. aum. de artigos de jornal. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1964. 176 p.
- 9 – PIÑON, Nélida. Entrevista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4. abr. 1978.
- 10 – RIBEIRO, Darcy. Prólogo de Casa-grande & senzala. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 out. 1977.
- 11 – VELLOSO, João Paulo dos Reis. *Brasil: a solução positiva*.